

ESTRATÉGIAS DOCENTE PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO DISLÉXICO

Selma Pereira de Gouveia Miranda¹

Maria Cecilia Martínez Amaro Freitas²

Resumo

Este artigo teve como objetivo geral analisar estratégias que o docente pode utilizar para auxiliar alunos disléxicos na aprendizagem da leitura e escrita. Os objetivos específicos foram: conceituar e caracterizar a dislexia; apresentar estratégias pedagógicas apontadas pela literatura como eficientes no trabalho com alunos disléxicos; descrever ações e procedimentos que o professor pode utilizar para auxiliar alunos disléxicos no processo de aprendizagem. A metodologia do estudo teve como base a pesquisa bibliográfica realizada em livros e artigos científicos, disponíveis não só em meio convencional como em meio eletrônico, selecionando-se os que contemplavam o tema abordado e em seguida elaborando-se fichamentos, que conforme constituíram base da redação do texto. Por meio da pesquisa foi possível constatar que a dislexia é um transtorno neurobiológico relativo unicamente à aprendizagem cujos prejuízos estão mais diretamente relacionados à leitura, apesar de comprometer também a escrita. Entre as estratégias que podem ser empregadas pelos professores vale destacar com base na pesquisa, a intervenção alfabética, exercitando a capacidade de segmentar a palavra em fonemas, trabalhando constantemente a consciência fonológica.

Palavras-chave: Dislexia. Procedimentos. Escola.

INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno neurológico cujos prejuízos são especificamente na habilidade de ler e escrever, prejudicando desta forma, grande parte da aprendizagem escolar dos sujeitos. Isto remete à etiologia do termo, que literalmente refere-se ao mau aprendizado das palavras.

Conforme a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a dislexia atinge entre 5% a 17% da população mundial que, em geral, apresenta dificuldades escolares com a

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2020-2

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

inversão de letras, tanto na escrita como na leitura, omissão de palavras, dificuldades em empregar os sons para criar outras palavras, entre outros.

Trata-se de um tema que tem sido bastante abordado pelos pesquisadores e escritores de várias áreas do conhecimento, incluindo a Pedagogia, o que decorre na necessidade de inclusão destes sujeitos por meio de uma abordagem pedagógica que promova o máximo possível de aprendizagem e desenvolvimento, requerendo informação e formação de professores acerca das particularidades deste transtorno, bem como da necessidade de inclusão dos alunos que o apresentem.

A identificação correta da dislexia pressupõe impreterivelmente o olhar do professor, mas não pode a ele ficar restrito, sendo fundamental o estudo por equipe multidisciplinar, tendo em vista não a confundir com outros transtornos ou mesmo considerá-la uma simples dificuldade de aprendizagem, que pode ser temporária.

Estudos sobre dislexia mostram-se relevantes pela necessidade existente no âmbito acadêmico e escolar de um entendimento mais efetivo de tal transtorno, suas características e formas de enfrentamento, em especial pelo professor, o qual deve entender a importância do trabalho colaborativo com outros profissionais e principalmente com a família.

A pesquisa se norteou por meio da seguinte pergunta: Que estratégias o docente pode utilizar para auxiliar alunos disléxicos na aprendizagem da leitura e escrita? Visando responder a tal questionamento delimitou-se como objetivo geral: analisar estratégias que o docente pode utilizar para auxiliar alunos disléxicos na aprendizagem da leitura e escrita. Os objetivos específicos foram: conceituar e caracterizar a dislexia; apresentar estratégias pedagógicas apontadas pela literatura como eficientes no trabalho com alunos disléxicos; descrever ações e procedimentos que o professor pode utilizar para auxiliar alunos disléxicos no processo de aprendizagem.

A metodologia do estudo teve como base a pesquisa bibliográfica realizada em livros e artigos científicos, disponíveis não só em meio convencional como em meio eletrônico, selecionando-se os que contemplavam o tema abordado.

O artigo encontra-se organizado em três tópicos. No primeiro tópico explora-se sobre a dislexia, destacando o conceito, um breve histórico e as características do transtorno. O segundo tópico é o momento em que se discorre acerca de estratégias pedagógicas que

podem ser empregadas no trabalho escolar com crianças disléxicas. No terceiro tópico apresenta-se e analisa-se as ações e procedimentos que o professor pode fazer uso para auxiliar alunos disléxicos no processo de aprendizagem.

1. Dislexia

1.1 Conceito

Compreender a dislexia pressupõe conhecer os aspectos caracterizadores deste transtorno para não o confundir com as dificuldades de aprendizagens que, por sua vez, podem ser solucionadas com abordagens mais simples, uma vez que a origem destas tende a ser mais ambiental, estando em questões sociais, econômicas e até em trabalhos educativos inadequados nas séries iniciais, o que não caracteriza a dislexia.

É preciso que se entenda que, muitas vezes a dificuldade de aprendizagem é inerente a distúrbios, e em muitos casos apresenta-se como uma combinação de várias dificuldades e não de uma causa única (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2002).

Assim sendo é válido considerar que

Quando se trata de distúrbios de aprendizagem, há uma contradição no que diz respeito à conceituação pelo fato dos termos transtornos e dificuldades serem usados como sinônimos, no entanto cada termo possui a sua peculiaridade quando se estuda a aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem estão relacionadas com problemas de origem pedagógica e/ou sociocultural, ou seja, as dificuldades de aprendizagem não estão envolvidas com nenhuma causa orgânica é algo extrínseco ao indivíduo. Já os transtornos e ou distúrbios de aprendizagem relacionam-se com problemas na aquisição e no desenvolvimento de funções cerebrais envolvidas no ato de aprender e são de origem intrínseca ao indivíduo (DUARTE; SOUZA, 2014, p. 2).

Faz-se necessária uma definição confiável da palavra dislexia, afastando desta forma, análise incorreta e excesso em sua utilização para adjetivar meras dificuldades de aprendizagem. No âmbito da etimologia é válido salientar que a palavra tem sua origem no grego, compondo-se do prefixo *dys* (com significado de mau) e, *lexis* (que refere-se a palavras), de forma que se tem assim, um 'mau aprendizado das palavras'. (FERREIRA, 2019, p.16). Desta forma a definição de dislexia se trata de uma dificuldade na aprendizagem da palavra, mais especificamente a escrita. (SANTIAGO; OMODEI, 2016)

“A dislexia se enquadra como um transtorno específico das habilidades escolares, classificada como transtorno específico de leitura” (OUTUKI; BLANCO, 2013, p. 2-3). Buscando respaldo para a definição deste transtorno é de grande relevância considerar que

A dislexia possui várias definições, no entanto, todas oriundas da definição da *Word Federation of Neurology* apresentada nos anos de 1968, como um transtorno de aprendizagem que afeta a leitura ainda que a criança esteja dentro dos padrões normais de inteligência (OUTUKI; BLANCO, 2013, p. 6).

Compreender a dislexia requer considerar que este transtorno pode ser classificado como disfonético, diseidético e misto, que conforme salientam Duarte e Souza (2014) podem assim ser descritas: a disfonética refere a dificuldade da pessoa em ler palavras desconhecidas, chegando a iniciar a leitura e depois tentando adivinhar as palavras utilizando-se de parte delas; na diseidética o sujeito já realiza leitura, mais ela é lenta e silabada, não apresentando a capacidade de leitura global; o tipo misto conforme o nome indica é o que envolve concomitantemente aspectos dos dois tipos já descritos.

Conforme relatam Santiago e Omodei à luz da Associação Brasileira de Dislexia este distúrbio se classifica em dois tipos, a saber: adquirida, que ocorre em geral em adultos devido a lesão cerebral; e de desenvolvimento, que se manifesta desde a infância por meio de prejuízos na capacidade de aprender a ler e escrever.

Vale salientar que neste estudo será enfocada a dislexia do desenvolvimento, visto que o objeto de estudo é a criança e o adolescente enquanto aluno com dificuldades com prejuízo na leitura e escrita.

O efetivo entendimento da dislexia, incluindo a definição do termo, pressupõe considerar os aspectos teóricos apresentados pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD).

A dislexia do desenvolvimento é definida pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD) como um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. A dislexia apresenta sinais já na fase pré-escolar, tais como: dispersão, atraso do desenvolvimento da fala e da linguagem, dificuldade de aprender rimas e canções, fraco desenvolvimento da coordenação motora, entre outros. Quanto à fase escolar, alguns sinais que podem ser observados são: dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita”; desatenção e

dispersão; desorganização geral, confusão para nomear direita esquerda; dificuldade de copiar de livros e da lousa; pobre conhecimento de rima e aliteração; vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas; dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas”, etc. (ABD) (SIGNOR, 2015, p. 934).

Fica claro que a dislexia é definida como um transtorno neurológico, que se apresenta na infância e caracteriza-se por extremas dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, apesar de não haver comprometimento da memória e tão pouco déficit de atenção. Pode-se dizer que a dislexia se caracteriza por não haver um desenvolvimento satisfatório da leitura e/ou ortografia das palavras, bem como inversão de letras não só na escrita como na leitura, omissão de palavras nas mesmas circunstâncias, dificuldades na conversão de letras em sons e palavras, dificuldades no emprego dos sons na criação de palavras, dificuldades na aprendizagem de significados. (FERREIRA, 2019). Por fim vale enfatizar que se trata de um transtorno específico da aprendizagem, e que apesar de existirem incertezas acerca dos motivos que faz que aconteça, há indícios de alteração cromossômica hereditária e excesso na produção de testosterona pela mãe no período gestacional.

1.2 Histórico

No âmbito do histórico da descoberta da dislexia é válido salientar que, este transtorno não é algo recente, visto que este transtorno já era estudado desde o século XIX, quando o termo surgiu em Berlin, sendo utilizado em seguida na Inglaterra, mais especificamente em uma publicação no *Britian Medical Journal* em 1886, conforme aponta o fragmento destacado a seguir.

O termo dislexia que parece recorrente já foi mencionado e alvo de pesquisa em períodos anteriores. Para Rotta e Pedroso (2007), em 1872, Berlin mencionou o termo pela primeira vez, posteriormente foi utilizado por Kerr. No ano de 1896 publicou, no *Britian Medical Journal*, o interessante caso de um adolescente com incapacidade para ler, contudo, cognitivamente deveria ter condições de fazer. Giacheti e Capellini (2000), afirmaram que a dislexia é um distúrbio neurológico de origem congênita, que acomete crianças com potencial intelectual normal, sem déficits sensoriais, com suposta instrução educacional apropriada, contudo, não conseguem desenvolver a habilidade de leitura e escrita (DUARTE; SOUZA, 2014, p. 3).

Verifica-se que até que o conceito e entendimento da dislexia se tornassem o que é na atualidade, conforme já explicitado, ocorreram vários estudos na Alemanha e na Inglaterra desde o início do século XX, de forma que não se trata de um fenômeno novo, que vem afetando os estudantes há muitos anos.

1.3 Características

Com base no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - DSM IV*, em Língua Portuguesa, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais é válido destacar que a característica fundamental da dislexia é a presença de entraves no reconhecimento preciso ou fluente das palavras, comprometimento na capacidade de decodificação e na ortografia. (FERREIRA, 2019)

A dislexia é um transtorno diretamente ligado à consciência fonológica, ou seja, a capacidade de identificação e manipulação de fonemas que compõem as palavras faladas. Vincula-se a capacidade de empregar códigos fonológicos aos quais é necessária a discriminação e diferenciação de sons, memorização adequada e ordenada. Em síntese, a criança disléxica apresenta uma fraca consciência fonológica, tendo dificuldades em associar fonema ao grafema. (FERREIRA, 2019)

A leitura é uma atividade complexa exigindo do sujeito habilidade metalinguística e capacidade de refletir sobre a linguagem. Desta forma deve o leitor, antes de tudo, desenvolver uma consciência metalinguística, para que assim possa realizar operações mentais e compreender sentenças (CAPOVILLA; CAPOVILLA; SOARES, 2003).

É válido o entendimento de que se trata de uma dificuldade no processamento da informação fonológica, comprometendo a identificação, a articulação e o uso de variados sons. O fator característico da dislexia é que, até mesmo em casos que a inteligência do aluno encontra-se nos padrões instituídos como normais ela tende a afetar a aprendizagem da leitura e escrita.

2. Estratégias pedagógicas para o trabalho escolar com alunos disléxicos

Vale ressaltar inicialmente que, conforme destaca Ferreira (2009), um eficiente

enfrentamento da dislexia pressupõe uma intervenção precoce, para a qual é fundamental a consideração de dois fatores: o histórico pessoal da criança e a linguagem falada, na qual geralmente há atraso. Ou seja, não há o desenvolvimento da produção e aprendizagem de palavras ou letras, e até mesmo da habilidade de cantar conforme o habitual. Estas crianças demonstram dificuldades na articulação de palavras.

Percebe-se a importância de efetuar-se intervenção precoce para que a pessoa com dislexia tenha as possibilidades de desenvolvimento otimizadas. Neste sentido, verifica-se a importância de os professores aumentarem seus conhecimentos para identificarem esses alunos por meio do reconhecimento de suas características e embasarem-se teoricamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que abarquem as especificidades dos alunos com dislexia. (DUARTE; SOUZA, 2014, p. 9).

Ferreira (2009) enfatiza que, apesar de não poder atuar sozinha, a escola é o local privilegiado para o trabalho de auxílio ao aluno disléxico, uma vez que é o ambiente formal da aprendizagem, no qual há interações e integração social das crianças. Neste sentido a instituição escolar deve trabalhar em conjunto com famílias, comunidade e sociedade, ficando a cargo dos professores aplicarem cinco princípios da aprendizagem: metodologia adequada, composta dos estímulos necessários; promoção de uma visão positiva da leitura, motivando os alunos; valorização dos alunos e o combate a rótulos; colaboração e ajuda na turma; elaboração e seleção de atividades direcionadas, tendo em vista a leitura e escrita.

Sobre os recursos pedagógicos a serem utilizados com alunos disléxicos é válido enfatizar que:

O material oferecido para o disléxico ler deve ser apropriado para o seu nível, também os aspectos positivos precisam ser destacados nos seus trabalhos. A leitura em público precisa ser evitada e necessita-se aceitar que esse aluno distraia-se com maior facilidade (DUARTE; SOUZA, 2014, p. 10).

Cabe ao professor lançar mão dos recursos pedagógicos, conforme destacado na citação acima para estruturar suas estratégias pedagógicas, ou seja, a definição da abordagem junto ao aluno com dislexia. Neste âmbito imagens podem ser utilizadas para estimular a interpretação, a leitura deve ser praticada a partir de palavras simples e ir evoluindo gradativamente conforme o ritmo do aluno, observando-se em todos os

casos a preservação do aluno, não expondo-o para não causar rejeição devido a vergonha pelos erros cometidos. É fundamental que se valorize os esforços e as pequenas conquistas para que a autoestima seja efetivamente elevada.

De acordo com Ferreira (2009) reforça-se a ideia de professor como um orientador e facilitar ao qual compete adaptar o currículo e os recursos tendo em vista a evolução das crianças com dislexia, proporcionando condições para que consigam acompanhar as aulas e os conteúdos. Para tanto é fundamental que o ambiente seja favorável e os conteúdos sejam devidamente adaptados às particularidades dos alunos no que tange a quantidade e nível de dificuldade, visando assim não os desmotivar.

“Outras ações que abrangem a proposta é o uso de materiais que permitam visualizações, as cópias de textos longos sempre que possível devem ser evitadas e diminuir deveres de casa envolvendo a leitura e escrita” (DUARTE; SOUZA, 2014, p. 10).

Segundo reflexões de Duarte e Souza (2014) há de se considerar que é fundamental a aplicação de estratégia psicopedagógica, visando estabelecer nexos entre a percepção do estímulo e a incorporação deste ao léxico. Isto deve partir de uma avaliação multidisciplinar criteriosa dos fatores cognitivo-linguísticos associada a modelos teóricos de aprendizagem da leitura.

Cada aluno se apropria do conhecimento de forma diferenciada na medida em que possuímos individualidades e tratando-se da aprendizagem não é diferente e alguns alunos apresentam dificuldades nesse processo devido a fatores congênitos denominados de distúrbio de aprendizagem. Entre esses distúrbios está inserida a dislexia que acomete um grande número de alunos que apresentam dificuldade no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita. Tratando-se da etiologia desse distúrbio são atribuídos vários fatores dentre esses: genético, hereditário, contudo, ainda existem controvérsias na literatura que precisam ter discussões mais aprofundadas. Desta forma, entende-se a importância do diálogo entre profissionais da saúde e da educação para que conhecimentos possam ser compartilhados e o processo de ensino de todas as crianças e inclusive das com dislexia possa ser otimizado (DUARTE; SOUZA, 2014, p. 12).

Por meio das reflexões de Signor (2015) é possível compreender que a abordagem sociointeracionista apresenta bons resultados para a intervenção pedagógica junto a alunos disléxicos, pois considera os aspectos sociais e históricos envolvidos na aprendizagem, em especial da língua, bem como da leitura e escrita.

Para Tabaquim et all (2016), a aprendizagem e desenvolvimento da habilidade da leitura é imprescindível nos anos iniciais, e a visão do professor acerca do aluno que não demonstra satisfatório aprendizado da leitura e escrita é fundamental para que problemas relacionados à aprendizagem sejam identificados. As impressões deste profissional são muito valiosas para que haja uma abordagem de apoio a alunos com dificuldades ou transtornos.

Evidencia-se que conhecimento e compreensão são palavras-chave no que tange a abordagem docente em casos de dislexia. Desta forma vale salientar o disposto a seguir:

[...] é preciso buscar conhecer e compreender quais são as causas das dificuldades de leitura e escrita dessas crianças, os fatores que interferem no processo de ensino/aprendizagem, quais as formas de intervir e como promover um trabalho docente significativo com crianças que apresentam essas dificuldades (OUTUKI; BLANCO, 2013, p. 2-3).

Ao se trabalhar com alunos disléxicos em uma perspectiva sociointeracionista é necessário conceber a língua como algo intimamente vinculado à história, às intervenções da coletividade, à dinâmica social. Desta forma, deve-se priorizar uma abordagem centrada no processo da interlocução, em práticas contextualizadas.

Santiago e Omodei (2016) destacam que para atuar positivamente no trabalho com alunos disléxicos a escola deve ser efetivamente *lócus* de inclusão, no qual estes e outros alunos, com transtorno ou não, deficientes ou não, recebam atenção e cuidados conforme suas particularidades. Este trabalho deve ser orientado por equipe multidisciplinar, com ênfase na participação e colaboração da família, que também deve passar por um processo de aprendizagem voltado para as formas de lidar com a criança ou o adolescente.

Sobre as ações que devem ser realizadas pelo professor é válido enfatizar o descrito a seguir:

Com relação às intervenções que o docente pode inserir na prática pedagógica com alunos com dislexia constatou-se que por meio de atitudes simples como: uso de materiais adequados a faixa etária, individualidade que estejam de acordo com os interesses, acrescenta-se ainda que os êxitos alcançados pelos alunos devem ser enfatizados pelo professor, o docente deve passar confiança e a relação entre os alunos deve ser estimulada para que a turma troque conhecimentos e cada colega auxilie o outro favorecendo a interação entre a turma. Tais medidas podem favorecer o processo de ensino de todos os alunos

e contribui para o desenvolvimento das potencialidades, pois a sala de aula é um local onde diversidades são encontradas, cada aluno aprende e pensa de modo singular, é provido de concepções culturais distintas e todos podem e devem contribuir de forma ativa no processo de aprendizagem por meio da troca de conhecimentos (DUARTE; SOUZA, 2014, p. 13).

É necessário que os professores se reconheçam como seres inacabados, buscando desta forma, mais conhecimentos, especialmente acerca de transtornos de aprendizagem, como é o caso da dislexia, podendo inclusive, investir em programas de formação continuada.

O professor terá condições de pensar objetivos específicos para cada aluno em suas particularidades, bem como de selecionar recursos que vão ao encontro de tais especificidades e planejar metodologias particularizadas à medida que for adquirindo conhecimentos sobre o público com o qual atua.

3. Ações e procedimentos que o professor pode utilizar para auxiliar alunos disléxicos no processo de aprendizagem

Entre os profissionais em que o professor pode buscar apoio para o trabalho com o disléxico é válido mencionar o psicopedagogo, cujo papel é relevante desde o diagnóstico até a definição do programa de atendimento, podendo desta forma oferecer suporte e orientação ao professor, pais, responsáveis com foco nos conteúdos e nas metodologias. (SANTIAGO, OMODEI, 2016)

É inquestionável o fato de que trabalhar em sala de aula com alunos que apresentam transtorno de aprendizagem, como é o caso da dislexia, é um desafio para os professores, especialmente devido à falta de capacitação, situação comum a muitos profissionais.

De forma geral, muitos professores “não dispõem de recursos estratégicos facilitadores incorporados à sua metodologia de ensino, além de desconhecerem o fundamento específico que está na base da utilização das estratégias pedagógicas” (TABQUIM *et. al.* 2016, p. 133).

Acerca da necessidade de entendimento da origem das dificuldades apresentadas pelos alunos é válido salientar que:

Atualmente, no contexto escolar brasileiro, professores e demais profissionais estão em uma difícil jornada de trabalho. A educação escolar que almejamos necessita de conhecimento específico, bem como de trabalhos diferenciados e especializados nas diversas áreas da educação, pois nos deparamos com a realidade de alunos nos anos finais do ensino fundamental que ainda não estão alfabetizados e infelizmente a escola ainda não conseguiu amenizar ou sanar tal situação. Muitas vezes, as dificuldades de aprendizagem são repreendidas na instituição, sem o entendimento de sua origem (OUTUKI; BLANCO, 2013, p. 2).

É fundamental que a identificação da dislexia ocorra o mais cedo possível, tendo em vista auxiliar alunos e professores com estratégias de intervenção para êxito na aprendizagem da leitura e escrita, fundamentais para o desenvolvimento da autonomia do sujeito.

Tendo feita a avaliação e obtido o diagnóstico de dislexia passa-se assim para a intervenção, que deve ser realizada com base em planejamento, no qual devem contempladas as estratégias, pensadas e elaboradas conforme as particularidades da criança, faixa etária e meio ambiente. A execução das estratégias planejadas não pode ser realizada apenas pela escola, mais por esta em parceria com responsáveis legais pelos alunos e os profissionais com os quais estes fazem tratamento. (FERREIRA, 2009)

Ao se trabalhar com alunos disléxicos é fundamental o entendimento da afirmativa de Capovilla e Capovilla (2000) de que a aprendizagem da leitura é muito mais que a mera capacidade de decodificação.

Exercícios com leitura são a base da terapêutica voltada ao sujeito disléxicos, devendo partir inicialmente de um auxílio para que os sujeitos sejam capazes de organizar verbalmente os estímulos visuais e auditivos. O que se encontra mais detalhado a seguir:

Os enfoques terapêuticos devem ser baseados nos princípios básicos da aprendizagem da leitura, no processo de transformação de grafema- fonema e no reconhecimento global da palavra. Primeiramente a ação terapêutica deve ajudar crianças a aprenderem a organizar verbalmente os estímulos visuais e auditivos para facilitar sua posterior associação com significado. Também ressaltam a importância ao estímulo a tomada de decisão de uma consciência fonêmica para a decodificação e uma consciência ortográfica que corrija lapsos visuais (DEUSCHLE; CECHELLA, 2009 *apud* DUARTE; SOUZA, 2014, p. 10).

Acerca das metodologias a serem utilizadas pelos professores ao atuar com

alunos com dislexia é válido enfatizar que:

Sendo comprovado transtorno/distúrbio de aprendizagem, no caso a dislexia ou outro tipo de distúrbio, o docente deve trabalhar com metodologias e estratégias diferenciadas durante o processo de ensino aprendizagem, que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do aluno, ou seja, promover formas diferentes de intervenção em sala de aula (OUTUKI; BLANCO, 2013, p. 5-6).

O trabalho com o aluno disléxico exige do professor dedicação, cuidados e criatividade na seleção, preparação e aplicação da dislexia. É neste sentido que se constata a necessidade de colocar o aluno com tal transtorno para sentar-se o mais próximo possível do professor, para que tenha acesso mais direto e constante ao diálogo, orientação e acompanhamento. Entre as estratégias de que o professor pode fazer uso estão: dicas, atalhos, regras mnemônicas e associações; recursos tecnológicos, com ou sem o uso de informática, como por exemplo o uso de gravador, para que o aluno possa revisar o conteúdo posteriormente. O importante, no entanto, é que a capacidade de adaptação e inclusão escolar e social do aluno seja ampliada o máximo possível. (SANTIAGO; OMODEI, 2016)

O professor deve se capacitar para atuar de forma inclusiva, estando preparado por meio de formação continuada, a compreender como cada aluno interage com o grupo, com o meio e com o conhecimento, para que desta forma possa planejar seu trabalho considerando aspectos como: deficiência, limitações, dificuldades e inaptidões. E quando se tratar de casos que estão além de sua capacitação, saber como direcionar as famílias na busca por assistência adequada, tendo em vista diagnósticos e tratamentos. (SANTIAGO; OMODEI, 2016)

É visível que a proposta de intervenção pedagógica nos casos de dislexia deve transcender a abordagem tradicional:

Assim, ditados de palavras e pseudopalavras, ditado de frases soltas, leitura em voz alta, correção de sentenças que não seguem o padrão sintático ou semântico da língua portuguesa, correção de palavras com inversão silábica, atividades de síntese silábica e fonêmica, manipulação de fonemas, atividades envolvendo rimas e aliteração, entre outras, perpassam o repertório da proposta avaliativa tradicional. Esses testes desconsideram o fato de que a consciência fonológica se desenvolve em concomitância com o processo de alfabetização (SIGNOR, 2015, p. 975).

Assim como o processo de ensino para alunos disléxicos envolve ações diferentes das tradicionais, devendo ser mais condizentes com as particularidades dos sujeitos, o processo avaliativo também deve ser diferenciado.

O enfoque da avaliação junto a alunos disléxicos deve centrar-se basicamente na perspectiva qualitativa e formativa, atribuindo-se valor ao processo e não ao produto, conforme indicado no fragmento a seguir:

Ao avaliar o processo, e não o produto, oportuniza-se ao sujeito a chance de avançar quando se criam as condições propícias. A inserção em práticas sociais de leitura e escrita, em contexto afetivo e significativo, é um aspecto que contribui para desvencilhar a criança de um diagnóstico como a dislexia. Ou seja, a depender da conduta do avaliador, pode-se, de um lado, promover a saúde, ou, de outro, promover a patologia, com todas as implicações subjetivas decorrentes. Se Mary, em vertente tradicional, receberia, provavelmente, a etiqueta da dislexia; por outro, teve, por meio da constituição da autoria, a oportunidade de desenvolver e se desenvolver por meio da linguagem escrita (SIGNOR, 2015, p. 996).

Lidar com o aluno disléxico representa um desafio para o professor, que se cobra e é cobrado pela não aprendizagem do aluno em relação à leitura. Soma-se a este problema a desinformação, visto que a formação básica e continuada do docente muitas vezes não contempla estratégias para lidar com alunos com transtorno, como é o caso da dislexia. Desta forma são comuns os casos em que os alunos são estigmatizados como ‘atrasados’ (TABAQUIM *et. al.* 2016).

Numa sala de aula, “o professor se depara com alunos com características diferentes, que carregam consigo uma experiência de vida que não pode ser ignorada, problemas socioeconômicos, familiares, escolares, emocionais, físicos [...]” (TABAQUIM *et. al.* 2016, p. 141)

Com base no citado anteriormente fica claro que é fundamental que o professor atue com base em uma postura pedagógica reflexiva, visando desta forma, compreender melhor a realidade em que os estudantes estão inseridos.

No enfrentamento da dislexia cabe a escola:

[...] adotar em seu projeto pedagógico o incentivo continuado à formação docente, e aos órgãos governamentais responsáveis pela adoção de políticas públicas educacionais concernentes à dislexia defender uma gestão que operacionalize tais políticas e compromissos de todos os mentores da escola, como diretores, coordenadores e professores (TABAQUIM *et. al.* 2016, p. 144).

Constata-se que é necessário suprir os professores com informações detalhadas e confiáveis para lidar com dislexia, seja em escolas públicas ou privadas. Tais profissionais precisam estar inscritos em ações de formação continuada que contemple a temática, adquirindo não apenas embasamento teórico como conhecimentos práticos, que podem ser provenientes de pesquisas já realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização do estudo foi possível verificar que a dislexia é um transtorno neurobiológico relativo unicamente à aprendizagem. Manifesta-se por uma diversidade de sintomas que se relacionam mais diretamente à leitura, comprometendo também a escrita, visto que esta depende daquela. De forma específica, gera entraves no reconhecimento eficiente da palavra, assim como na habilidade de decodificação.

No que concerne as estratégias pedagógicas que se mostram eficientes no trabalho com alunos disléxicos é válido enfatizar a intervenção alfabética, exercitando a capacidade de segmentar a palavra em fonemas, trabalhando constantemente a consciência fonológica. Também apresentam bom resultado a aplicação de regras de conversão fonemagrafema, escrita de palavras novas e inventadas com o apoio da oralidade. É fundamental que o aluno tenha a sensação de confiança no professor e seu trabalho, evitando ao menos em um primeiro momento a leitura em público. O profissional deve fazer uso de material compatível com o nível de cada aluno disléxico, procurando sempre realizar o reforço positivo, valorizando as conquistas, ainda que pequenas. Mostra-se promissora a reeducação da linguagem escrita em todos os seus aspectos.

No âmbito das ações e procedimentos que podem ser utilizados pelos professores para auxiliar alunos disléxicos a aprenderem a leitura e desenvolverem a escrita, é suma importância validar que, uma avaliação criteriosa e multidisciplinar deve preceder a intervenção, devendo-se levar em consideração fatores cognitivos e linguísticos. A realização de exercícios com leitura, juntamente com a atuação do professor como mediador do conhecimento é o principal pilar do trabalho pedagógico com alunos disléxicos, e devem partir de estímulos para organizem verbalmente os

estímulos visuais e auditivos. As ações planejadas tendo como base as estratégias mencionadas neste texto devem ser desenvolvidas tendo como base um trabalho multiprofissional, no qual escola e professor são agentes principais.

Por fim, vale salientar que a abordagem pedagógica junto a alunos disléxicos que é ressaltada como eficaz é a sociointeracionista, visto que se sustenta no respeito ao sujeito e contempla a valorização de sua carga cultural e conhecimentos prévios, (sociais e históricos), diretamente ligados a aprendizagem, especialmente da língua e conseqüentemente da leitura e escrita. Neste tipo de trabalho com este público é necessário o entendimento de que a língua está vinculada à histórica coletiva e individual bem como à dinâmica social. Assim a abordagem deve ter como foco o processo de interlocução, em práticas contextualizadas.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Fernando César; CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra. Problemas de aquisição de leitura e escrita: efeitos de déficit de discriminação fonológica, velocidade de processamento e memória fonológica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 2, n. 1, 1º semestres de 2002. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7703>>. 15 set. 2020.

CAPOVILLA, Fernando César; CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra. **Problemas de leitura e escrita**: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo: Memnon, 2000. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v8n16/v8n16a08.pdf>>. 15 set. 2020.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César; SOARES, Joceli Vergínia Toledo. Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita. **Revista Psico-USF**, v. 8, n. 2, p. 103-114, Jul./Dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712004000100006&script=sci_abstract&tIng=pt>. 15 set. 2020.

DUARTE, Anne Caroline; SOUZA, Calixto Junior de. **Intervenções pedagógicas em alunos com dislexia**. I Seminário Internacional de Inclusão Escolar: práticas em diálogo. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/23-duarte_e_souza.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FERREIRA, Patrícia Isabel Tremeço. **Estratégias de Intervenção na Dislexia**: O papel do professor. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Educação

(ESEC), 2019. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/29086>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

OUTUKI, Isabel Monteiro da Silva; BLANCO, Marília Bazan. **O atendimento da criança com dislexia na escola regular**. In: PDE: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. Curitiba: PDE, v. 1, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_port_pdp_mirian_izabel_tullio.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTIAGO, Ionete Batista; OMODEI, Juliana Dalbem. O papel do professor e a contribuição da psicopedagogia para a inclusão do estudante com dislexia. **Revista Eletrônica 'Diálogos Acadêmicos'**, v. 10, nº. 1, jan./jul., 2016. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627113420.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SIGNOR, Rita. Dislexia: uma análise histórica e social. **Revista Brasileira de Linguística Ampliada - RBLA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 4, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-63982015000400971&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 10 mar. 2020.

TABAQUIM, Maria de Lourdes Merighi *et. al.* Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online), Brasília, v. 97, n. 245, p. 131-146, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n245/2176-6681-rbeped-97-245-00131.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2020.